

## INFLUÊNCIA ESPAÇO-TEMPORAL NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS DA REVISTA LINGUAGEM E ENSINO

Albanyra dos Santos Souza<sup>1</sup>

**RESUMO:** A lógica virtual universalizada e materializada na realidade não concreta, têm produzido significativas transformações na dialética da relação do sujeito com o mundo, revolucionando todas as dimensões da vida humana, inclusive as práticas sociais de interação em espaços educacionais. É pensando nas interações sociais que ocorrem nesses espaços e em como as práticas de leitura e escrita são influenciadas pelo uso das tecnologias na contemporaneidade, que este estudo objetiva analisar o espaço/tempo constitutivo das pesquisas sobre tecnologia e linguagem, bem como refletir sobre as vozes sociais das pesquisas, cronotopicamente atravessadas, que orientam as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade. Adotamos como base teórica estudos sobre cronotopia (BAKHTIN, 2011, 2014; BEMONG, et al, 2015; MACHADO, 2010) e estudos sobre o universo virtual (LEVY, 2010, 2011; LEMOS, 2003; LIPOVETSKY; CHARLES, 2004; ROJO; BARBOSA, 2015). Durante o período de 2008 a 2017, destacamos 38 publicações sobre o uso das tecnologias nas aulas de línguas e analisamos quais os espaços educacionais influenciaram na constituição dos objetos de estudo. Dos resultados, ressaltamos que os tempos hipermodernos se manifestam nos espaços educacionais, sejam eles os espaços escolares, acadêmicos, ciberespaço, ciberescola ou ciberacadêmico, e ainda que esses estudos trazem contribuições relevantes para pensarmos as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tempo. Espaço. Tecnologias. Leitura. Escrita.

**ABSTRACT:** The virtual universalized and materialized in reality without concreteness, have produced significant changes in the dialectic of the subject's relationship with the world, revolutionizing all dimensions of human life, including the social practices of interaction in educational spaces. It is thinking about the social interactions that occur in educational spaces and how the practices of reading and writing are influenced by the use of technologies in contemporary times, the study seeks to analyze the space / time that constitutes research on technology and language, as well as reflect on the social voices of research, chronotopically crossed, that guide contemporary reading and writing practices. Then, we adopted theoretical studies about chronotopy (BAKHTIN, 2014; BEMONG, et al, 2015; MACHADO, 2010) and studies about the virtual universe (LEVY, 2010, 2011; LEMOS, 2003; LIPOVETSKY; CHARLES, 2004; ROJO; BARBOSA, 2015). In the years 2008 to 2017, we highlighted 38 publications on the use of technologies in language classes and analyzed which educational spaces influenced the constitution of the objects of study. Among the results, we emphasize that hypermodern times are present in educational spaces, that is, school, academics, cyberspace, cyberschool or cyberacademic, and even though these studies bring relevant contributions to think about contemporary reading and writing practices.

**KEYWORDS:** Time. Space. Technologies. Reading. Writing.

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [albanyra.souza@hotmail.com](mailto:albanyra.souza@hotmail.com).

### **Introdução**

As tecnologias digitais, popularizadas no Brasil nos anos 1990 (RIBEIRO, 2016), possibilitaram um movimento novo em direção à pesquisa e ao ensino. No campo da Linguística Aplicada, por exemplo, muitos pesquisadores e professores inquietos e incomodados, principalmente com as novas perspectivas de ensino de línguas, investigam, testam e avaliam os impactos das novas tecnologias no ensino de línguas. Notadamente, nas primeiras décadas do século XXI, houve um crescimento significativo de pesquisas voltadas, de alguma maneira, ao uso das tecnologias relacionadas aos diversos contextos de ensino e aprendizagem de línguas.

Na tentativa de compreender de que forma essas tecnologias têm influenciado espaço-temporalmente nas pesquisas contemporâneas, este estudo faz um levantamento de publicações da revista *Linguagem e Ensino*, cujas pesquisas dão conta da relação tecnologia, linguagem e ensino, publicadas no período de 2008 a 2017. Assim sendo, o estudo busca analisar o espaço/tempo constitutivo das pesquisas sobre tecnologia e linguagem, bem como refletir sobre as vozes sociais das pesquisas, cronotopicamente atravessadas, que orientam as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade. Consideramos, enquanto base teórica, o cronotopo bakhtiniano (BAKHTIN, 2011; 2014) os estudos contemporâneos sobre cronotopia (BEMONG, et al, 2015; MACHADO, 2010), algumas considerações sobre o universo virtual e sobre os tempos hipermodernos (LEVY, 2011; ROJO e BARBOSA, 2015). Objetivamos, contudo, compreender a constituição espaço-temporal das pesquisas e ainda refletir sobre as vozes dos pesquisadores quanto ao ensino de leitura e escrita influenciado pelas novas tecnologias.

Estamos diante de espaços sociais de infinitas possibilidades de interação, de comunicação, de construção de novas identidades e de práticas sociais de sujeitos que se constroem mediante a concretização desses espaços. São espaços como a cultura do ciberespaço ou cibercultura (LEVY, 2010) influenciados pelos tempos hipermodernos (ROJO; BARBOSA, 2015).

### **A realidade virtual**

A lógica virtual universalizada e materializada na realidade não concreta, têm produzido significativas transformações na dialética da relação do sujeito com o mundo, revolucionando

todas as dimensões da vida humana, inclusive as práticas sociais de interação em espaços educacionais.

Entre o real e virtual há uma relativa oposição fácil e enganosa, como afirma Pierre Levy (2011). O *real*, considerado oposição ao virtual, seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”, ou da ilusão, o que permite evocar as diversas formas de virtualização. Para o autor, a palavra *virtual* é empregada frequentemente para significar a pura e simples ausência de existência, a realidade possui concretude enquanto virtual. Para Levy, (2011, p. 15),

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes.

Nesses termos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual. A atualização parece ser a solução de um problema – a árvore está virtualmente presente na semente, porém o problema da semente, por exemplo, é fazer brotar uma árvore. Para o autor, “A atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades” (LEVY, 2011, p. 16), ou seja, acontece algo mais que a dotação da realidade a um possível – algo que se realizará –, o verdadeiro devir que alimenta a volta do virtual. O real assemelha-se ao possível, enquanto o atual em nada se assemelha ao virtual, ao contrário, responde-lhe.

O movimento de passagem do atual para o virtual, considerado como a *virtualização*, inclui uma dinâmica do particular para uma problemática mais geral, sobre a qual passa a ser colocada a ênfase ontológica, ou seja, o virtual assume o lugar do significado em oposição a atualização particularizada do significante, “A *virtualização pode ser definida como um movimento inverso da atualização*, consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma “elevação de potência” da entidade considerada” (LEVY, 2011, p. 17, grifos do autor), pois enquanto a atualização ia de um problema a uma solução, a virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema.

Uma das principais modalidades da virtualização, definida por Levy é o desprendimento do aqui e agora. Para o autor, o virtual com muita frequência, não está presente, a exemplo de uma empresa virtual, cujos elementos são nômades e dispersos. Uma empresa virtual tende a substituir a presença física dos seus empregados pela participação numa rede de comunicação eletrônica e pelo uso de recursos e programas que favoreçam a cooperação.

Quando pensamos no texto, especialmente o texto virtual, este passa a apresentar-se como atualização de um hipertexto, que embora possua endereço enquanto arquivo digital, é desterritorializado. Sobre esta característica do texto virtual, o autor afirma:

Desterritorializado, presente por inteiro em cada uma de suas versões, de suas cópias e de suas projeções, desprovido de inércia, habitante ubíquo do ciberespaço, o hipertexto contribui para produzir aqui e acolá acontecimentos de atualização textual, de navegação e de leitura. Somente estes acontecimentos são verdadeiramente situados. Embora necessite de suportes físicos pesados para substituir a atualizar-se, o imponderável hipertexto não possui um lugar. (LEVY, 2011, p. 17-18).

A desterritorialização de uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação é torna-se *não presente*, ausente, não materializado. Da mesma forma o hipertexto, habitante onipresente do ciberespaço, não possui um lugar, nem é totalmente independentes do espaço-tempo de referência, mas deve sempre estar inserido em um suporte físico e se atualizar constantemente.

Pensar este tipo de texto é fazer referência a uma unidade de tempo sem unidade de lugar, vistas as interações em tempo real por redes eletrônicas, as transmissões ao vivo, vista ainda a continuidade de ação apesar de uma duração descontínua, a exemplo da interação por meio da secretária eletrônica.

Compreender o universo virtual em suas particularidades é compreender também a pluralidade de tempos e espaços que se abrem aos novos meios de interação e ritmos. Não se pode mais considerar apenas uma única extensão territorial ou uma cronologia uniformizada, mas uma quantidade de tipos de espacialidades e de duração temporal, “*Cada forma de vida inventa seu mundo*, e com esse mundo, um espaço e um tempo específicos” (LEVY, 2011, p. 22, grifos do autor). Assim também não se pode pensar apenas uma única forma de texto, pois tal como são várias as espacialidades e a duração temporal, e diante da realidade de que cada forma de vida inventa seu mundo, a comunicação presente nesse espaços e tempos também se constitui de variadas formas para dar conta das complexas relações sociais, por isso também falamos no texto virtual influenciado pelo espaço-tempo. Vejamos um pouco mais sobre essa unidade espaço-temporal.

### **A unidade espaço-temporal em Bakhtin**

As teorizações acerca do conceito de cronotopo foram escritas e publicadas por Bakhtin em *Questões de Literatura e Estética* (2014) – “Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios da poética histórica), em ensaios sobre tempo e espaço nos escritos de Rebelais, e ainda

na obra *Estética da Criação Verbal* (2011) – “O tempo e o espaço nas obras de Goethe”. Nos textos, o autor apresenta análises referentes a aspectos espaço-temporal do gênero romance, porém vislumbramos o uso dessa categoria para análise em outras esferas da comunicação e da atividade humana, na tentativa de estabelecer entendimentos na relação tecnologia, linguagem e ensino. Essa nova perspectiva analítica se explica quando Bakhtin afirma que “Qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos” (BAKHTIN, 2014, p. 362), ou seja, o cronotopo é a porta de entrada para a compreensão dos significados, seja no estudo do romance, ou de qualquer outro gênero discursivo.

Acerca do entendimento do conceito de cronotopo, Bakhtin (2014) explica que esse é um termo empregado nas ciências matemáticas, introduzido e fundamentado na teoria da relatividade de Einstein e transportado para a crítica literária. Nas palavras do autor,

À interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura chamaremos *cronotopo* (que significa “tempo-espaço”). Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). Não é importante para nós esse sentido específico que ele tem na teoria da relatividade, assim como o transportaremos daqui para a crítica literária quase como uma metáfora (quase mas não totalmente); nele é importante a expressão de insolubilidade de espaço e de tempo (tempo como quarta dimensão do espaço). Entendemos o cronotopo como uma categoria conteudístico-formal da literatura. (BAKHTIN, 2014, p. 211, grifos do autor).

Para entender a indissolubilidade de tempo e espaço, Bakhtin ressignifica o conceito de cronotopo no campo literário, e busca analisar, por exemplo, os diversos cronotopos que se instauram no romance – o cronotopo do encontro, o cronotopo da estrada, “No romance os encontros ocorrem frequentemente na ‘estrada’. Ela é o lugar preferido dos encontros casuais” (BAKHTIN, 2014, p. 349). É na estrada que os caminhos espaço-temporais das mais diferentes pessoas se cruzam, pessoas separadas pela hierarquia social e pelo espaço, porém com destinos cruzados pela metaforização do caminho-estrada.

Destaca-se ainda o cronotopo da soleira, com características que se aproximam do tema do encontro, contudo substancialmente mais completo, “[...] é o cronotopo da crise e da mudança de vida” (BAKHTIN, 2014, p. 354). Bakhtin trata também dos cronotopos em Dostoievsky,

Em Dostoievsky, por exemplo, o limiar e os cronotopos da estrada, da antessala, do corredor, que lhes são contíguos, e também os cronotopos da rua e da praça, que lhes seguem, são os principais lugares da ação nas suas obras, são os lugares onde se realizam os acontecimentos das crises, das quedas, das ressurreições, dos renascimentos, das clarividências, das decisões que determinam toda uma vida. (BAKHTIN, 2014, p. 354).

Em seus estudos, Bakhtin buscou descrever os “[...] ‘cronotopos maiores’ que definem o gênero e constituem o principal campo para eventos em mundos particulares” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 442, grifos dos autores). Todavia, nos limites de uma obra observamos uma grande quantidade de cronotopos, sendo um deles englobador e dominante, conforme também interpreta Bemong, et al. (2015, p. 22, grifos do autor) “[...] a interação entre as unidades cronotópicas concretas de uma narrativa deixa o leitor com uma impressão global, a que chamamos de *cronotopo maior ou dominante*”. Nos estudos de Bakhtin, foram esses “cronotopos maiores” o objeto de análise.

As interações entre os cronotopos são de natureza dialógica, ou seja, “todos os diálogos têm lugar num dado cronotopo, e os cronotopos entram em relações dialógicas. Cada conceito é necessário para uma compreensão plena do outro, mas os dois são, não obstante, distintos” (MORSON; EMERSON, 2008. p. 444).

Bakhtin (2014) afirma que os cronotopos são característicos de vários significados, dentre eles o significado temático e figurativo. Sobre o significado temático, os cronotopos são centros organizadores dos principais acontecimentos temáticos do romance, “Pode-se dizer francamente que a eles pertence o significado principal gerador do enredo” (BAKHTIN, 2014, p. 355). O significado figurativo dos cronotopos relaciona-se a concretização dos acontecimentos do enredo, uma vez que “O próprio cronotopo fornece um terreno substancial à imagem-demonstração dos acontecimentos. Isso graças justamente a condensação e concretização espacial dos índices do tempo [...] em regiões definidas do espaço” (BAKHTIN, 2014, p. 355).

Nas colocações de Bemong, et al (2015, p. 20-21), Bakhtin situa o significado dos cronotopos em pelo menos quatro itens diferentes: “Eles têm significado na geração da narrativa do enredo, da trama; têm significado representacional; fornecem a base para discutir os tipos de gêneros; têm significado semântico”, ou seja, na observação dos autores, são vários os significados que surgem dos cronotopos, desde a geração da narrativa, sua constituição representacional e genérica, até o seu caráter de significado semântico.

Machado (2010, p. 212) ao refletir sobre a temática afirma, “Cronotopo se firmou como categoria que define não apenas o *continuum* espaço-tempo, mas a semiose de diferentes sistemas de signos [...]”. O tempo e o espaço são construídos na composição da obra literária como texto de cultura, uma vez que os signos da cultura fazem parte da sua composição. Nas palavras da autora,

**Discursos de resistência e corpos (re)existentes •**

O cronotopo foi concebido como uma forma arquitetônica da narrativa que configura modos de vida em contextos particulares de temporalidades. O tempo, para Bakhtin, torna-se pluralidade de visões de mundo: tanto na experiência quanto na criação, manifesta-se como um conjunto de simultaneidades de que não são instantes, mas acontecimentos no complexo de seus desdobramentos. A pluralidade de que fala Bakhtin só pode ser apreendida no grande tempo das culturas e das civilizações, quer dizer, no espaço. (MACHADO, 2010, p. 214).

Nessa direção, a narrativa e os gêneros do discurso são instâncias estéticas de representação do tempo-espaço. Na orientação dialógica de investigação bakhtiniana, tempo e espaço configuram modos de vida em contextos particulares, simultaneidade de experiências, acontecimentos complexos que emergem de ações particulares. Os gêneros, bem como as narrativas tornam-se campo fértil de investigação, uma vez que neles se constroem os discursos sobre o mundo.

Assim, partindo da reflexão de que “O cronotopo é uma forma de compreensão da experiência” (MACHADO, 2010, p. 212), representada através das diversas práticas sociais, buscamos compreender como o tempo-espaço, ao se movimentar e se transformar, significa as experiências humanas na esfera de produção científica, vista a relação entre tecnologias, linguagem e ensino.

**Dados metodológicos da pesquisa**

Neste estudo, adotamos o paradigma qualitativo de pesquisa, no qual tomamos o contexto social, os participantes da interação e os usos que se fazem da língua enquanto imprescindíveis para a realidade pesquisada.

Para a constituição do corpus de pesquisa, foi feito um levantamento de estudos publicados na revista *Linguagem e Ensino*. A escolha pelo periódico se deu, respeitados os critérios: Fluxo contínuo de publicações; interesse por estudos inseridos na área da Linguística Aplicada; interesse pelo eixo de pesquisa tecnologia e ensino; qualidade acadêmica relevante, classificada como A1 no Qualis; e confiabilidade dos estudos publicados. Além disso, a revista apresentou uma quantidade considerável de estudos sobre a temática tecnologia e ensino de língua, sendo, portanto, relevante para a constituição de pesquisas preocupadas com a temática.

A revista foi analisada no período de 2008 a 2017, cujas estudos que tratam da relação tecnologia, linguagem e ensino somam-se 38 artigos publicados. Esses estudos são reflexões de pesquisas desenvolvidas por professores/pesquisadores que buscam respostas para as diversas questões que se colocam sobre o uso da tecnologia no ensino. São pesquisas que se construíram em espaços diferenciados, que ora se individualizam claramente, ora se mesclam, sendo eles

importantes para entendermos a complexidade das relações sociais e as necessidades diferenciadas de interação.

A revista *Linguagem e Ensino* é uma publicação científica trimestral do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. Desde 1998, colabora com a publicação de textos acadêmicos de pesquisadores nacionais e estrangeiros que refletem sobre questões teóricas em literatura, linguística, tradução, literatura e imagem e ensino em Letras. O fluxo de edição se dá por chamadas de publicações temáticas. A revista objetiva a divulgação de trabalhos inéditos, partindo de pesquisas originais, teóricas ou empíricas – quantitativas ou qualitativas – nas áreas da linguagem e/ou de ensino, incluindo, por exemplo, aprendizagem e aquisição de línguas, tanto materna como estrangeira; desenvolvimento e avaliação da produção textual; aspectos sociais e psicolinguísticos da compreensão textual; formação de professores de língua materna e estrangeira; discurso pedagógico, midiático e institucional em geral; e aspectos da interação verbal e não-verbal.

O seu lançamento se deu em outubro de 1997 durante o primeiro Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino (SENALE), cujo editor fundador foi Wilson José Leffa, hoje ativamente atuante na Comissão Editorial da revista. Na avaliação Qualis CAPES de 2015, publicada em 2016, a revista passou da qualificação A2 para A1 em Letras<sup>2</sup>.

A revista, com ISSN 1983-2400, oferece acesso *online*, livre e imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

Vejamos de que forma os estudos da revista foram influenciados espaço-temporalmente.

### **O espaço-tempo das pesquisas na revista *Linguagem e Ensino***

No período em análise, a revista publicou estudos variados sobre tecnologia e ensino de línguas. Esses estudos refletem espaços também variados, que se construíram ao longo do tempo e apontam significados para as práticas de ensino de línguas.

Nos estudos, destacamos os espaços: I) *espaço escolar*; II) *espaço acadêmico*; III) *ciberespaço*; IV) *ciberespaço inserido no espaço escolar - ciberescola*; e V) *ciberespaço inserido no espaço acadêmico – ciberacadêmico*.

---

<sup>2</sup> Informações disponíveis em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/about>. Acesso em 20 julh. 2017.

O I) *espaço escolar* é percebido em estudos que se preocupam em refletir sobre determinada tecnologia nos espaços escolares. Nesses estudos, os pesquisadores apontam para possibilidades de inserção de variadas tecnologias na prática de ensino da educação básica.

O II) *espaço acadêmico* se manifesta em pesquisas que discutem o uso das tecnologias digitais no ensino superior. Nessas pesquisas, são apresentadas as vozes dos pesquisadores sobre o uso de tecnologias, tanto pensando na formação de professores, quanto na inserção de determinadas práticas digitais na educação superior em geral.

O III) *ciberespaço* manifesta-se nas pesquisas que se preocupam com o estudo de ferramentas, aplicativos, software, redes sociais e gêneros digitais relacionados a temáticas diversas. Entendemos esse espaço como um ambiente virtual que se utiliza dos aparatos da comunicação digital para o estabelecimento das relações virtuais. Para Levy (2011), esse é uma espaço de relações e interações entre as pessoas intermediado pela interconexão das redes de computadores, cujas informações são de natureza digital e as relações acontecem virtualmente. Por isso, podemos considerar não só o computador como mediador dessas interações, mas também outros aparelhos tecnológicos que estabelecem uma comunicação virtual.

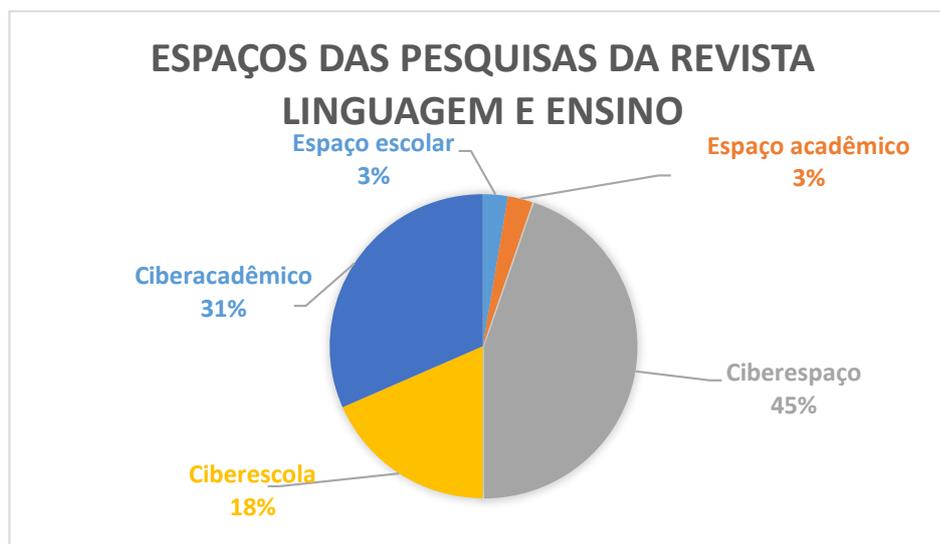
O IV) *ciberescola* ganha destaque nas pesquisas que buscam refletir sobre o ensino mediado pelas tecnologias na educação básica. Nessas pesquisas, o espaço educacional e o ciberespaço se combinam para significar as interações sociais, constituindo-se um traço inovador nas pesquisas contemporâneas.

O V) *ciberacadêmico* contempla pesquisas que se preocupam com o ensino mediado pelas tecnologias nos espaços acadêmicos.

As pesquisas analisadas neste estudo respondem, a priori, a espaços sociais de produção de sentido, em que práticas de ensino e aprendizagem se fazem presentes. Percebemos, por exemplo, no gráfico apresentado a seguir, que algumas pesquisas se colocam claramente diante de realidades características dos espaços escolares e acadêmicos. Porém, também vislumbramos outros espaços de pesquisa, ou mesmo espaços não concretos, no entanto reais, como o ciberespaço, designadamente espaço virtual (LEVY, 2011). Cabe destacar ainda, uma hibridização de espaços que separadamente não são mais suficientes para dar conta da complexa realidade que se coloca atualmente, são *ciberescola* e o *ciberacadêmico*.

### Gráfico 1: Espaços sociais dos artigos da Revista *Linguagem e Ensino*

Gráfico 1 – Espaços das pesquisas da Revista *Linguagem e Ensino*



Fonte: particular.

De acordo com o gráfico 1, 3% dos estudos abordam questões que se propõe a pensar as tecnologias no ensino de línguas voltadas para a educação básica, por isso a denominação espaço escolar, sendo estes estudos uma possibilidade de reflexão sobre a aplicabilidade das tecnologias em situações de ensino que contemplem a educação básica.

Diante das informações, constatamos que apenas alguns estudos se inserem no espaço escolar, a fim de compreender as tecnologias e relacioná-las ao ensino. Com isso, podemos inferir que embora o interesse pelas tecnologias tenha aumentado nos últimos anos, presentes nas pesquisas de norte a sul do país (PAIVA, 2019), percebemos ainda pouca ênfase em estudos que se preocupam propriamente em estudar a tecnologia direcionada ao ensino básico.

Porém, esse dado muda quando lançamos nosso olhar ainda para o ambiente escolar, desta vez para as pesquisas que tomam a tecnologia como objeto de ensino e buscam refletir sobre a prática pedagógica mediada pela tecnologia, são as pesquisas influenciadas pelo *ciberescola*, cujo número revela 18% das pesquisas. Ou seja, embora não existam muitas pesquisas que busquem compreender pedagogicamente as tecnologias para a educação básica, há um número mais expressivo de estudos sobre a prática de ensino mediada pela tecnologia. Isso significa dizer que o *ciberescola* se constitui um espaço com maior incidência de pesquisas científicas, cujas preocupações de estudo são constitutivas da hibridização de espaços.

Quando tratamos das tecnologias voltadas para o ensino superior, os dados nos apresentam que, na revista, 3% buscam refletir a tecnologia direcionada ao ambiente acadêmico. Identificamos, semelhantemente, um número mais expressivo de pesquisas inseridas na hibridização dos espaços, com 31% das pesquisas voltados ao espaço

*ciberacadêmico*. Isso significa que o uso da tecnologia em situações reais de ensino acadêmico tem sido mais objeto de estudo dos pesquisadores do que propriamente a tecnologia fora de contexto de uso.

Quando voltamos nosso olhar para o *ciberespaço*, percebemos um número ainda mais considerável de estudos que tratam de tecnologias variadas e buscam compreendê-las face as diversas realidades sociais. É o caso, por exemplo da análise de comentários online de redes sociais para investigar as valorações sobre identidade, ou ainda, a análise de experiências lúdicas de determinados aplicativos, ou mesmo estudar módulos de educação a distância.

No gráfico 1, 45% dos estudos estão inseridos no *ciberespaço*. Este espaço de pesquisa dá conta do maior número de estudos publicados na revista. Isso significa que há uma grande preocupação dos pesquisadores em construir conhecimento sobre artefatos tecnológicos, práticas online, materiais didáticos voltados ao ensino, plataformas de ensino, sites, redes sociais, aplicativos, enfim, recursos que podem somar ao ensino e aprendizagem de línguas.

Todos os estudos apresentados são instâncias estéticas de representação de espaços sociais marcados temporalmente e que configuram modos de vida em contextos particulares. São discursos sobre realidades sociais que se colocam à compreensão das várias representações sociais num determinado contexto. Por isso, notadamente, os espaços são variados e variam também as significações característica de cada um, já que as atividades sociais são diversas e as representações dessas atividades presumem diferentes tipos de espaços inseridos em um dado tempo.

Há nesses estudos um entrecruzamento cronotópico, uma inevitável relação espaço-temporal. Schmidt (2013), ao refletir sobre a evolução de uso das tecnologias de comunicação, afirma que elas progrediram numa velocidade sem precedentes, cuja evolução é vistas em números. Para o autor, na primeira década do século XXI o número de pessoas conectadas à internet aumentou de 350 milhões para mais de dois bilhões. A quantidade de usuários de celulares subiu de 750 milhões para mais de cinco bilhões. O autor coloca ainda que, até 2025, “[...] se o ritmo atual da inovação tecnológica for mantido, a maioria da população da Terra, estimada em oito bilhões de pessoas, estará on-line” (SCHMIDT, 2013, p. 12), ou seja, no mundo em desenvolvimento, as tecnologias digitais serão cada vez mais acessíveis e práticas.

Esses avanços tecnológicos impactaram diretamente os modos de vida em sociedade, e conseqüentemente, as práticas de ensino e aprendizagem que diante da efemeridade, fez sentir a emergência dessa tecnologia nos contexto de ensino.

Notadamente o século XXI está se revelando um *tempo hipermoderno* (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004; ROJO e BARBOSA 2015), ou mesmo o tempo da era digital (SCHMIDT, 2013), em que ferramentas tecnológicas ou gêneros digitais jamais imaginados passam a fazer parte da realidade social, e assim também objetos de estudo significativos para investigar novos percursos metodológicos.

Após analisarmos o tempo e o espaço constitutivos das pesquisas, vejamos as vozes de um estudo, em especial, sobre o ensino de leitura e escritas no espaço ciberacadêmico.

### **Vozes sociais sobre o ensino de leitura e escrita na contemporaneidade**

Nos estudos em análise, percebemos objetos de estudo influenciados pelos tempos hipermodernos que adquiriram relevância para as práticas sociais. Esses objetos ganham significados sociais mediante os espaços que circulam e o tempo que os circunda. Dentre os vários objetos de estudos dos artigos publicados, destacamos leitura e escrita no espaço *ciberacadêmico*. Sobre a temática, identificamos vozes dos pesquisadores que buscam compreender possibilidades de ação pedagógica em meio aos tempos hipermodernos e espaços híbridos. Vejamos um artigo como exemplo.

O artigo, *Práticas de leitura no contexto acadêmico: a constituição histórica do sujeito-leitor e dos sentidos*, foi escrito por Fernanda Correia Silveira Galli da Universidade Estadual Paulista, publicado no volume 18, número 1, de 2015. O estudo aborda práticas de leitura no contexto acadêmico com foco na caracterização dos modos de ler na/em rede e seus efeitos na formação do sujeito-leitor universitário. O objetivo é compreender a constituição histórica dos sujeitos-leitores e dos sentidos a partir do “dito” (pelo estabilizado dos recursos eletrônicos) e do “compreendido” (pelas discursividades possíveis) nos percursos de leitura/escrita realizados por universitários. A pesquisa considerou as bases teóricas da Análise do Discurso de linha francesa e dos Estudos de Letramento.

Para análise, a autora considerou duas produções textuais produzidas por universitários em um curso de extensão intitulado “Leitura – sentidos do/no ciberespaço”. As produções foram realizadas a partir da proposta: “Com base em Xavier (2004) e tendo como ‘fio condutor’ a reflexão sobre LEITURA - CIBERESPAÇO - HIPERTEXTO, faça um desenho que represente seu percurso de leitura numa ferramenta de busca de sua escolha, a partir da pesquisa de MAÇÃ.”. Cem por cento dos universitários optaram pelo motor de busca Google na atividade de escrita. Sobre esse dado, a autora afirma:

**Discursos de resistência e corpos (re)existentes •**

O fato de cem por cento dos universitários terem optado pelo motor de busca *Google*, na atividade de escrita proposta em nosso curso de extensão universitário sobre leitura e ciberespaço, pode estar estreitamente relacionado à *posição dominante que o Google ocupa na lista de buscadores da internet*, efeito tanto das formações imaginárias que resultam de processos discursivos e se manifestam por meio das relações de força e da antecipação (PÊCHEUX, 1997) quanto da “manipulação” do letramento num modo de ‘ritual’ definido” que pode, também, estabelecer e/ou reforçar autoridade e posição política (STREET, 2014, p.109). (GALLI, 2015, p. 208-209, grifos nossos).

Isso implica, inicialmente, que a escolha por um determinado motor de pesquisa relaciona-se ao seu poder de dominação dentre os demais. Nesse site de busca, a indexação dos links se dá a partir de critérios para exibição por ordem de relevância de conteúdo para determinado usuário, o que possibilita ao sujeito princípios pré-estabelecidos de leitura na rede, pois o mecanismo de busca oferece como resultado uma sequência de links com informações “filtradas”, um perfil já foi traçado para o leitor. Os resultados de busca e, conseqüentemente, de leitura na rede devem considerar a pluralidade dos sujeitos leitores, visto que a busca por uma mesma informação não se dá de forma homogênea, embora se tenha um mesmo modelo técnico e o uso da mesma ferramenta de pesquisa. A autora afirma ainda:

A imposição/aceitação de um “modelo ‘técnico’ de letramento” – digital, neste caso – pode funcionar como uma maneira *de doutrinar o sujeito e seus modos de ler na/em rede* e, ainda, “restringir a arena na qual o protesto ‘político’ pode ser considerado legítimo.” (STREET, 2014, p.111). Entretanto, esse funcionamento também parece evidenciar, por um lado, *a internet como uma ferramenta além de simples técnica de comunicação e informação*, e, por outro lado, *os diferentes modos de significar das diferentes materialidades significantes* (ORLANDI, 2010) no/do digital. (GALLI, 2015, p. 211, grifos nossos).

A internet é vista tanto como uma simples técnica de comunicação e informação, quanto por diferentes modos de significar as diferentes materialidades significantes. Ou seja, a busca pelo significado da palavra “maçã” chama atenção pela variedade de significados, sejam os que relacionam a fruta “à fome” (maça/alimento), “ao desejo” (maça/pecado), “à proibição” (maça/casamento), “ao castigo” (maça/morte). Essa pluralidade de significação aponta para um movimento parafrástico, cujos significados se constituem a partir de similaridades de informações, bem como para um movimento polissêmico, cujas informações se dão a partir de uma variedade de significados. A compreensão dos sentidos do texto, para autora, deve considerar tanto a relação intergenérica na composição do texto, quanto a história de sua produção, por isso afirma que o processo de leitura não é individual, mas sócio-histórico.

A análise dos fragmentos nos proporcionam três apontamentos para o ensino/aprendizagem de leitura e escrita nos ambientes digitais: I) *os sites de buscam determinam a exibição por ordem de relevância de conteúdo para determinados usuários*, considerando o controle de acesso das informações, por isso o processo de leitura e, conseqüentemente, de escrita não se constituem procedimentos similares; II) *a leitura na rede possibilita diferentes modos de significação e diferentes materialidades significantes*; e ainda III) *o processo de leitura do texto em rede não é singularmente individual, mas sócio-histórico*, pois considera a história de sua produção, as relações intergenéricas na composição do texto, e, claro, a compreensão dos sujeitos e os sentidos atribuídos.

São vozes sociais relevantes para compreendermos as implicações dos tempos hipermodernos agindo nos variados espaços sociais educacionais. Percebemos, portanto, que o ato de ler escrever também se constitui uma consequência social, com inferências diretas nas práticas de ensino de línguas.

## Conclusão

Este estudo buscou compreender a constituição espaço-temporal de pesquisas publicadas na revista Linguagem e Ensino, no período de 2008 a 2017. Identificou-se espaços sociais relevantes para a produção do conhecimento, com destaque para o espaço educacional, espaço acadêmico, o ciberespaço e os espaços que sofrem um processo de hibridização, o ciberescola e o ciberacadêmico. Desses espaços, percebemos um maior número de pesquisas no ciberespaço, cuja implicações se voltam para compreender o funcionamento de diversas tecnologias, sites, redes sociais, aplicativos, enfim, estudos que se preocupam com a construção de conhecimento de artefatos tecnológicos.

Esses espaços de construção de pesquisa são reveladores dos tempos hipermodernos, ou mesmo da era digital, pois são característicos objetos de estudo que emergem diante da efemeridade das relações sociais, como por exemplo ler e escrever em tempos hipermodernos.

Na tentativa de refletir sobre a implicação espaço-temporalmente na pesquisa, algumas vozes sociais foram discutidas sobre as práticas de leitura e escrita influenciadas pela era digital. Como conclusão da análise, destacamos que os sites de busca determinam a exibição por ordem de relevância de conteúdo para determinados usuários; que a leitura na rede possibilita

diferentes modos de significação e diferentes materialidades significantes; e ainda que o processo de leitura do texto em rede não é singularmente individual, mas sócio-histórico.

### Referências

BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. Formas de tempo e de cronotopo no romance. In: BAKHTIN, M. M. *Questões de Estética e de Literatura*. 5. ed. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2014.

BEMONG, N. et al. *Bakhtin e o Cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. São Paulo. Parábola. 2015.

GALLI, F. C. S. Práticas de leitura no contexto acadêmico: a constituição histórica do sujeito-leitor e dos sentidos. *Linguagem e Ensino*. V. 18, n. 1, 2015. P. 201-2018.

LÉVY, P. *Cibercultura*. 3 ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 2011.

LEMOS, A. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, A. *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarola, 2004.

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria in(classificável)*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010. (Série: Bakhtin: Inclassificável, v. 1).

MORSON, G. S; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: EDUSP, 2008.

PAIVA, V. L. M. Tecnologias digitais no ensino de línguas: passado, presente e futuro. *Revista da Abralín*. V. XVIII, n. 1, 2019.

RIBEIRO, A. E. Tecnologia digital e ensino: breve histórico e seis elementos para a ação. *Revista Linguagem & Ensino* (Online), v. 19, p. 91-111, 2016F.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.

SCHMIDT, Eric. *A nova era digital: como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios* / Eric Schmidt, Jared Cohen; tradução Ana Beatriz Rodrigues, Rogério Durst. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.